

**O LETRAMENTO LITERÁRIO: O INCENTIVO À LEITURA, À
INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DO TEXTO LITERÁRIO POR MEIO DE
UMA SEQUÊNCIA BÁSICA**

JONILSON PINHEIRO MORAES (UEPA)

CRISTIANE DOMINIQUE VIEIRA BURLAMAQUI (Orientadora)

RESUMO: O presente projeto tem como foco práticas que contemplem o letramento literário e incentivem a leitura e produção de textos, por meio de uma “Sequência Básica”, utilizando como material didático textos literários canônicos e contemporâneos. Objetiva-se com este, proporcionar aos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental Lauro Sodré atividades em aulas de literatura que priorizem a prática de leitura, interpretação e produção de textos literários, focando na estrutura estilística e no conteúdo sócio-histórico-cultural dos textos, efetivando o letramento literário. Pretende-se trabalhar o ensino-aprendizagem da literatura por meio da Sequência Básica proposta por Cosson (2012) para o letramento literário, a qual é composta das etapas de motivação (preparação dos educandos), introdução (apresentação do autor e do texto), leitura (conhecimento do enredo do texto) e interpretação (compreensão por inferências para construir os sentidos do texto), na qual acrescentaremos as etapas de produção literária (confecção de textos de gêneros literários diversos) e de exposição (compartilhamento das atividades). Dessa forma, pretendemos que os alunos, público-alvo deste projeto de extensão, experimentem a leitura literária vinculando-a à sua leitura de mundo, envolvendo os aspectos sociais, históricos e culturais dos textos literários e, ainda, suas características estruturais, estilísticas e estéticas para, por fim, produzir textos de tipologias e gêneros literários diversos, com textualidade e literariedade, ampliando e aprimorando, dessa forma, suas competências textuais, estéticas e sociodiscursivas.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Literatura; Letramento Literário; Leitura e Produção de Textos e Sequência Básica.

JUSTIFICATIVA

Segundo Jouve (2012), o termo “literatura”, a partir do século XIX, passou a adquirir o seu sentido moderno, que é o de “uso estético da língua escrita”. Nesta perspectiva os textos literários têm características que lhes são específicas e que os diferenciam de outros textos, como os jornalísticos e os acadêmicos, por exemplo. O autor ainda acrescenta que um dos critérios para se identificar um texto literário é a “gratuidade”, que seria a ausência de finalidades práticas da literatura – o que pode ser um mito, pois a literatura é a prática que amplia a visão crítica de mundo do indivíduo – , porém, acreditamos que o que torna um texto literário é a sua *literariedade* que, segundo Bragatto Filho (1995), é “o resultado do trabalho estético do autor, mas também o é da atuação competente do leitor” (BRAGATTO FILHO, 1995, p. 16 [grifo do autor]) e que Jouve (2012) distingue em dois regimes: o *constitutivo*, no qual, os textos seguem regras de determinado gênero literário (estética), ou seja, são imanentes ao texto; e o *condicional*, no qual um texto seria literário por reconhecimento coletivo (institucional), a partir de critérios sociais, culturais, ideológicos e históricos, isto é, externos aos textos. Porém, esses critérios não ficam antipáticos à estética, apresentando-a, parcialmente, como é o caso dos Sermões, de Padre Antônio Vieira, que possuem alegorias, por exemplo.

O trabalho com a literatura, segundo Cândido (1995), como força humanizadora tem entre suas funções a reelaboração do real por meio da ficção e o conhecimento do mundo e do ser por meio da palavra. A literatura, que é uma experiência a ser realizada, permite a humanização do sujeito:

Ao confirmar e negar, propor e denunciar, apoiar e combater, a literatura possibilita ao homem viver seus problemas de forma dialética, tornando-se um "bem incompressível", pois confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente. (CÂNDIDO, 1995, p. 243)

Neste projeto de extensão pretendemos trabalhar sob a perspectiva do “letramento literário” sugerida por Cosson e Souza (2011), a partir dos usos que fazemos da língua escrita em nossa sociedade, que evidentemente é fundamental para

inserção dos indivíduos em comunidades letradas tal qual aquela alvo de nossas ações. Acreditamos que esta necessidade de inserção faz parte de demandas que surgem das atividades cotidianas dos sujeitos e assim, “designa as práticas sociais da escrita que envolvem a capacidade e os conhecimentos, os processos de interação e as relações de poder relativas ao uso da escrita em contextos e meios determinados” (COSSON & SOUZA, 2011,p. 102).

Estritamente o “letramento literário” é um dos usos sociais da língua escrita, porém tem um relacionamento diferente com a escrita/leitura, pois a literatura preenche um lugar único no que diz respeito à linguagem, já que “a literatura tem o poder de se metamorfosear em todas as formas discursivas [possíveis]. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada” (COSSON, 2012, p. 17), desta forma proporciona, a partir dos textos literários, um modo privilegiado de inserção no mundo da leitura e da escrita por meio de uma metalinguagem.

É com vista na relação singular do “letramento literário” com a linguagem, que Paulino e Cosson (2009) definem aquele como “o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos” (PAULINO & COSSON, 2009, p. 67 *apud* SOUZA & COSSON, 2011, p. 103), ou seja, são as experiências de dar sentido ao mundo por meio do texto e ao texto por meio do mundo, em uma relação dialética e, assim, procurando saber do texto quem diz, o que diz, como diz, para que diz, para quem diz e porque diz.

No que diz respeito ao processo de apropriação da literatura por meio do “letramento literário”, Silva e Silveira (2013) nos indicam que:

O letramento literário seria visto, (...) como estado ou condição de quem não apenas é capaz de ler o texto em verso e prosa, mas dele se apropriar efetivamente por meio da experiência estética; saindo da condição de mero expectador para a de leitor literário (SILVA; SILVEIRA, 2013, p. 96).

Acreditamos que isso ocorra porque na atual conjuntura das sociedades letradas não se admite estritamente o “saber ler e escrever”, mas se encampa a necessidade dos

sujeitos dominarem amplamente estas habilidades e fazer usos delas de maneira a incorporá-las em suas vivências, transformando assim seu “estado” ou “condição” em consequência do domínio dessas competências (cf. SOARES, 2013).

Segundo Cosson (2012), a linguagem vinculada pelos textos literários permite três tipos de aprendizagem: (1) a aprendizagem **da** literatura que se dá pela experiência estética do mundo por meio da palavra; (2) a aprendizagem **sobre a** literatura que está relacionada a conhecimentos históricos, teoria e crítica literária e (3) a aprendizagem **por meio da** literatura que envolve os saberes e as habilidades/competências proporcionadas ao alunado por meio da leitura literária.

Avaliamos que a aprendizagem **da e por meio da** literatura, indispensável para a formação do leitor literário, é a menos oportunizada em sala de aula, pois há uma preocupação exacerbada por questões históricas e teóricas da literatura. Isso se dá porque, no que se refere ao trabalho com a literatura no âmbito escolar, o professor privilegia o ensino dos chamados estilos de época – o cânone e dados bibliográficos dos autores – enumerando fatos históricos e culturais que influenciaram os estilos e listando uma sequência de características desses estilos para que os alunos decorem, em aulas para lá de tradicionais.

Na maioria das vezes não é proporcionado ao aluno o acesso às obras e, quando isso acontece é apenas para identificar as temáticas que há dentro do texto e em determinado período literário. Desta forma, o aluno não consegue compreender “a análise literária (...) como um processo de comunicação, uma leitura que demanda respostas do leitor, que o convida a penetrar na obra de diferentes maneiras, a explorá-la sob os mais variados aspectos” (COSSON, 2012, p. 29).

Na perspectiva didático-metodológica acima descrita, o aluno é visto como uma “tábula rasa” que deve ser preenchida pelo conhecimento do professor, ou seja, mero receptor passivo e não como construtor ativo e crítico de conhecimento com competência suficiente para fazer uma análise crítica da obra literária, a partir das suas leituras de mundo adquiridas por ele no convívio em comunidade.

Nas aulas tradicionais de literatura, o professor não considera a estética do texto e sua literariedade, o que acaba por não permitir que os alunos compreendam a formação das figuras de linguagem, as imagens e a estrutura dos gêneros por meio dos quais o texto literário se apresenta. As reflexões, exclusivamente sobre o caráter histórico e teórico da literatura, impossibilitam os educandos a experienciar, por meio de discussões e análises literárias em sala, a estética da palavra, estimulando a sensibilidade estética.

Mais problemático do que não trabalhar a estética dos textos literários, é usar estes textos para explorar a gramática normativa, fragmentando os textos literários em frases e orações para praticar a análise morfosintática. Esta fragmentação esvazia o sentido global e, ainda, extingue a estética do texto literário, pois uma vez descontextualizado e separado do todo do qual faz parte e são constituintes, as frases e orações isoladas já não mais podem ter literariedade.

No trabalho com o texto literário, o interesse do leitor “deve se direcionar, necessariamente, para *o que o texto diz* [conteúdo ou assunto] e para *como ele diz o que diz* [a forma, o estilo e a estética]” (FILHO, 1995, p. 43 [grifos do autor]). Segundo Campos (2003), “conhecimento e prazer fundem-se no texto literário. No entanto, dentro do currículo escolar tornam-se dicotômicos. Desprovido da sua essência, o texto literário é transformado num empobrecido sistema moralizante primário” (CAMPOS, 2003 apud SILVA; SILVEIRA, 2013, p. 95).

Nesta perspectiva, entendemos que o texto literário é visto pela maioria dos professores como um artefato que desprovido de suas características de literariedade, as quais por sua vez o tornam específico e único, permitindo a partir da proximidade a inserção profunda numa sociedade, resultado do diálogo que mantemos com o mundo e com outros.

A leitura do texto literário é dita como o simples ato de decodificar os códigos linguísticos que estão no texto literário, como se fosse pegar algo que já está pronto e acabado, ou seja, apenas o conhecimento do enredo do texto narrativo, privilegiando um único sentido do texto, não dando poder algum ao aluno sobre a construção de sentidos,

homogeneizando a leitura do texto literário que tem como uma de suas principais características a polissemia e a heterogeneidade, já que “a ficção feita palavra na narrativa e a palavra feita matéria na poesia são processos formativos tanto da linguagem quando do leitor e do escritor” (COSSON, 2012, p. 17). Essa prática de leitura contraria o que é dito pelos PCNs de Língua Portuguesa, segundo os quais “a razão de ser das propostas de leitura e escuta é a **compreensão ativa e não a decodificação** e o silêncio” (BRASIL, 1998, p. 19, [grifo nosso]) e tem como resultados leitores não críticos e passivos diante do ato de ler.

A interpretação na aula de literatura por ser mais cômodo ao professor é feita a partir, geralmente, das chamadas fichas de leitura que pedem aos alunos que reconheçam informações que estão literalmente na superfície do texto e transcrevam como resposta interpretativa, não requerendo que este se aprofunde no ato de compreensão, não indo, assim, em busca dos sentidos que não estão expressos linguisticamente na superfície do texto literário, por meio de inferências a partir de dicas linguísticas deixadas pelo autor e de seus conhecimentos de mundo que possui em sua bagagem sociocultural, fazendo uma relação entre leitura da palavra e leitura de mundo. Nessa perspectiva, não se trabalha a interpretação como “parte dos enunciados, que constituem as inferências, para se chegar à construção do sentido do texto, dentro de um diálogo que envolve, autor, leitor e comunidade” (COSSON, 2012, p. 64).

A produção de textos em aulas de literatura é quase inexistente por essas serem geralmente expositivas e sem diálogo e interação com o alunado e quando há produção escrita prevalece o gênero resumo que tem como principal objetivo comprovar que o aluno leu o texto literário, ajudando o professor a vigiar os alunos, não cumprindo o que postulam os PCNs (1998) que “a razão de ser das propostas de uso da fala e da escrita é a interlocução efetiva, e não a produção de textos para serem objetos de correção” (BRASIL, 1998, p. 19). Infelizmente não se vê produção em sala de aula de literatura que promovam a discussão estética, estrutural e temática dos textos, procurando aguçar a análise crítica do aluno, por meio de resenhas, por exemplo, e muito menos produção de textos dos gêneros literários, buscando selecionar dos recursos linguísticos que obedeçam à sensibilidade e a preocupações estéticas e ampliar a experiência estética e a

competência estilística do aluno por meio da prática literária. Assim, perde-se a oportunidade de através da produção do texto literário:

Romper os limites fonológicos, lexicais, sintáticos e semântico-traçados pela língua: esta se torna matéria-prima (mais que instrumento de comunicação e expressão) de outro plano semiótico – na exploração da sonoridade e do ritmo, na criação e recomposição das palavras, na reinvenção e descoberta de estruturas sintáticas singulares, na abertura intencional a múltiplas leituras pela ambiguidade, pela indeterminação pelo jogo de imagens e figuras (BRASIL, 1998, p. 27).

A partir do que foi observado a respeito do trabalho com a literatura em sala de aula, e por outras questões que não aquelas que contribuem para a formação de leitores competentes e capazes de reconhecer as sutilezas, as peculiaridades, os sentidos, a extensão e a intensidade das construções literárias, torna-se indispensável o trabalho com o texto literário a partir da perspectiva do “letramento literário” através de atividades de leitura, interpretação e produção textual que busquem trabalhar a linguagem literária em seu uso social valorizando, assim, a vivência do literário em sala de aula.

Logo, a nossa principal problemática é: Será que o professor de literatura ao trabalhar o texto literário valoriza sua literariedade, sua estética? Como está sendo trabalhado o texto literário e sua fruição, será que a partir de uma vertente que valorize suas características estéticas e estruturais? Será que o trabalho dos textos literários com os alunos em sala de aula tem lhes proporcionado a experiência estética da palavra?

OBJETIVOS

- **GERAL:**

Proporcionar aos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental Lauro Sodré atividades que priorizem a prática de leitura, de interpretação e de produção de textos literários, focalizando a estrutura estilística e o conteúdo sócio-histórico-cultural dos textos para que se efetive o “letramento literário”.

- **ESPECÍFICOS:**

- Explorar os textos literários a partir do “letramento literário”, focando as características estéticas e estruturais desses para que haja a experiência do literário.
- Favorecer as aprendizagens da literatura, sobre a literatura e por meio da literatura;
- Promover momentos de fruição da leitura da palavra relacionada às leituras de mundo, desvinculando-a da visão de obrigatoriedade;
- Propiciar construções de sentidos individuais e coletivas de textos literários, prezando pela heterogeneidade e respeitando a bagagem cultural de cada aluno;
- Propor atividades de produções literárias de diversos gêneros literários, dando ao aluno liberdade e autonomia para tal.

METODOLOGIA

Utilizaremos como metodologia uma proposta criada e experimentada por Rildo Cosson (2012) para o letramento literário denominada de “Sequência Básica”. A Sequência Básica para o trabalho com textos literários é composta por quatro etapas: **motivação, introdução, leitura e interpretação**; as quais acrescentaremos mais duas etapas: a **produção literária** e a **exposição**.

A etapa de **motivação** é a preparação do alunado para o contato com o texto literário, feita por meio de dinâmicas psicomotoras relacionadas à temática e à estrutura do texto que será trabalhado, estabelecendo laços estreitos com o mesmo e “envolvendo conjuntamente atividades de leitura, escrita e oralidade” (COSSON, 2012, p. 57).

A **introdução** consiste na apresentação física da obra, livro à que o texto pertence, tratando de aspectos que estão relacionados ao texto e justificando sua escolha e do autor, falaremos, ainda, brevemente sobre o mesmo dando informações básicas, para que essa etapa não se torne uma longa exposição entediante.

A etapa de **leitura** é o momento em que se conhece o enredo da história, é quando o professor faz o acompanhamento da leitura para ver se o aluno está tendo dificuldades e auxiliá-lo para que a fruição aconteça, buscando também fazer com que os alunos exponham os resultados da leitura.

A **interpretação** é tida como o entretecimento dos enunciados para a construção do sentido do texto por meio da constituição de inferências dentro de uma interação que envolve autor, leitor, comunidade e contexto sociocultural, por meio de debates e discussões entre o alunado. Esta etapa está dividida em dois momentos: o interior - que diz respeito à construção de sentido pessoal e, o exterior - que está relacionado à construção de sentido coletiva pela turma e ao compartilhamento de sentidos.

A **produção literária** consiste na elaboração de textos de gêneros literários pelos alunos, a partir de temáticas de seus cotidianos, prezando pela estética e estrutura textual, por meio da qual os alunos experimentam na prática o estético e o literário.

A **exposição** é o compartilhamento entre a turma da produção literária por meio da leitura em voz alta ou colocação em mural de leitura, para que os alunos exibam aos outros colegas de classe seus trabalhos.

Durante as aulas do projeto prepararemos os alunos para penetrar no texto por meio de dinâmicas e para isso apresentaremos o texto de um dos gêneros literários que serão trabalhados (conto, poema, fábula e crônica) e o autor, leremos o texto, enfatizando as etapas básicas do processo de leitura antecipação, decifração do código e interpretação e as estratégias inferência, visualização, sumarização e síntese (COSSON, versão *on-line*, p. 105, 106), faremos a construção individual e coletiva de sentidos, eles produzirão textos literários dos gêneros dos textos trabalhados e por fim exporão suas produções para a turma.

No decorrer do projeto essa sequência pode ser alterada e ampliada para que se adeque às necessidades e especificidades apresentadas pelo nosso público-alvo, pois o próprio Cosson (2012) alerta que existem inúmeras “possibilidades de combinação que se multiplicam de acordo com os interesses, textos e contexto da comunidade de leitores” (COSSON, 2012, p. 48), considerando essa sequência como um exemplo e não um modelo metodológico a ser seguido cegamente.

O referencial teórico será utilizado como base para a proposta do “letramento literário”, reforçando e aperfeiçoando o trabalho de aplicação do projeto com frequentes revisões e consultas bibliográficas dos referenciais aqui utilizados.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CÂNDIDO, Antônio. O Direito à Literatura. In: _____. **Vários Escritos**. 3ªed. São Paulo: DuasCidades, 1995.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília:MEC/SEF, 1998.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2ª ed. 2ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2012.

_____. **Literatura: modos de ler na escola**. In: XI Semana de Letras. Anais. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/XISemanaDeLetras/pdf/rildocosson.pdf>> Acesso em: 07/01/2014.

COSSON, Rildo; SOUZA, Renata Junqueira de. **Letramento literário: uma proposta para a sala de aula**. UNESP, Agosto-2011. Disponível em: <<http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40143/1/01d16t08.pdf>> Acesso em: 07/01/2014.

EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Orgs.). **Escolarização da leitura literária**. 2ª ed. 2ª reimpressão, Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FILHO, Paulo Bragatto. **Pela leitura literária na escola de 1º grau**. São Paulo: Editora Ática, 1995.

JOUVE, Vincent. **Por que estudar literatura?**. Trad. Marcos Bagno e Marcos Marcionilo, São Paulo: Parábola, 2012.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2000.

SILVA, Antonieta Mírian de Oliveira Carneiro; SILVEIRA, Maria Inez Matoso. **Letramento Literário: desafios e possibilidades na formação de leitores**. Vol. 01, nº 01, Revista Eletrônica de Educação de Alagoas, 2013, p. 92-101. Disponível em: <http://www.educacao.al.gov.br/reduc/edicoes/1a-edicao/artigos/reduc-1a-edicao/LETRAMENTO%20LITERARIO%20NA%20ESCOLA_Antonieta%20Silva_Maria%20Silveira.pdf> Acesso em: 07/02/2014.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 6ª ed. 5ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2013.

TERRA, Ernarri. **Leitura do texto literário**. São Paulo: Contexto, 2014.